



VISTA DA CIDADE DE LEIRIA.

Se Leiria não é a antiga *Collippo*, que os romanos conheceram e de que Plínio faz menção no livro 1.^o cap. 1.^o, ha toda a probabilidade, segundo os mais acreditados escriptores, de que as ruínas da antiquíssima povoação serviram para a primitiva construção da mais moderna. Será difficil averiguar este ponto, de modo que se possa estabelecer uma evidencia historica absoluta, até porque muitos dizem

vagamente que a situação de *Collippo* era entre Coimbra e Évora d'Alcobaça, e ha quem assigne como seu local um lugar chamado S. Sebastião. Os romanos chamavam a Évora dos coutos *Eburobritium*; passaram pelo territorio circumvisinho, que era muito povoado; não ha portanto argumentos de inverosimilhança contra a existencia de uma cidade proxima d'alli.

A parecença dos nomes de Liria no reino de Valença e de Leiria em Portugal, não nos parece sobre fundamento para se affirmar que os habitantes daquella fundaram esta, antes que o capitão Sertorio, batalhando contra os seus, se pozesse á frente dos lusitanos contra as tropas do Lacio. Estas antiguidades da nossa patria andam tão confusas e controversas, que muitas vezes os escriptores não atinam com o que devem dar por certo, ficando campo aberto para os mais ousados violentarem etymologias a seu bel-prazer. Todavia não era o logar de tão pouca importancia, durante o dominio dos conquistadores do universo na Lusitania, que não estabelecessem nelle um governo para certo e demarcado territorio, e que não deixassem neste chão vestigios do seu poder. Á entrada do castello da banda do sueste se descobriram pedras túmulares de marmore branco com veios encarnados; e ainda que as inscripções são mui difficéis de decifrar, póde colligir-se de duas que Tito Avito Aviciano, prefeito dos mantimentos e generos cereaes naquelle departamento, erigira monumentos com aquellas lapidas aos manes de pessoas de sua familia.

Provavel é que em tempo dos arabes fosse Leiria logar forte, porque D. Affonso Henriques em 1135 a tomou aos infieis, e ou restabeleceu ou fundou o castello, construindo muralhas para defenza da praça, o que não impediu que os mouros a tomassem de novo. O nosso primeiro monarcha fortificou-a para obstar ás invasões e correrias dos inimigos, que a esse tempo possuíam Santarem e infestavam os campos até Coimbra: edificou o mesmo rei no proprio monte do castello uma igreja consagrada a N. Sr.^a da Penha de França, que no futuro se converteu em cathedral, e doou-a a S. Theotónio, 1.^o prior de Santa Cruz de Coimbra, e á sua congregação de conegos regantes de St.^o Agostinho, a quem por muito tempo pertenceu. Durante a guerra de D. Affonso Henriques com seu primo, D. Affonso 7.^o de Leão e Castella, os mouros, aproveitando a occasião, cahem sobre Leiria com grande exercito e a tomam: breve porem se gozam do triumpho e posse, porque

.....o rei subido
A tomar vai Leiria, que tomada,
Fôra, mui pouco havia, do vencido.

É tradição que tendo elrei assentado o seu arraial n'umas alturas proximas á cidade, a que hoje chamam o cabeça d'elrei, veio pousar um corvo na copa d'um velho e corpulento pinheiro, e assim que os nossos comegaram a investir o castello comegou elle a bater as azas e a gritar como de contente: então os soldados tomando o caso por bom agouro arremetteram á porta da traição e ganharam a fortaleza: e deste successo tomou Leiria por armas um corvo sobre um pinheiro. Novo estrago soffreu a povoação com outra entrada dos agarenos; mas logo a restaurou D. Sancho 1.^o, dando-lhe foral aos 13 de Abril de 1195. Por vezes a ennobreceram os nossos reis com sua presença, nomeadamente elrei D. Diniz e sua esposa a rainha Santa Isabel, que habitaram no recinto do castello, e n'uma villa proxima, chamada desde então Monte-real. Este mesmo monarcha, por antonomasia justissima o rei lavrador, conhecendo as vantagens de possuir madeiras no reino e a necessidade de obstar á invasão das areas, que esterilisa o chão cultivavel, mandou plantar o pinhal, que em nossos dias se tem dilatado, e é presentemente uma riqueza nacional. Corre fama de que para esse fim mandára vir de França

o pinisco, desvelando-se, como principe avisado e bemfazejo, em legar aos seus povos um beneficio, que, no entender d'um grave escriptor, lhes tem sido mais proveitoso que muitas victorias. E com effeito, alem da multidão de pessoas que occupa o pinhal de Leiria, hoje estendido pela costa e logares prosperos para o plantio dos pinheiros, que abundancia de lenhas que fornece para o lume e para o consumo da fabrica dos vidros da Marinha grande! E sobre tudo que immensa porção de optimas madeiras para diversas construcções, e de que o estado muito aproveita; porque felizmente este vasto e importante predio nacional é bem administrado! Os cerneiros, isto é, os paus a que se tem tirado todo o alborno, são excellentes para a construcção de casas, e nada tem que invejar a madeiras do norte. Sem contarmos outros muitos proveitos, lembraremos o que resulta a favor daquelle districto, onde só a fabrica de alcatrão e a de vidros espalham mensalmente tres contos de r.^s pela classe trabalhadora.

Leiria, que de villa fôra feita cidade por D. João 3.^o, a instancias do mesmo obteve de Sua Santidade, Paulo 3.^o, a dignidade de sé episcopal no anno de 1545. A cathedral está no monte do castello, onde fôra a igreja da Senhora da Penha de França, e é fabrica sumptuosa de tres naves, muito bem conservada. O paço do bispo, em sitio eminente, é um bom edificio e acha-se tambem em bom estado.

Jaz Leiria na falda de leste d'um monte, assento do castello, pegado com um valle delicioso e fertil, entre os rios Liz e Lena, que dalli a quatro leguas vão entrar ambos juntos no oceano occidental entre Passages e Paredes: concorrendo esta circumstancia para que o paiz seja fertil em grãos, frutas e legumes, bem como o é em vinhos, criação de gados e caça. A posição de Leiria é saudavel e muito amena. Contem no seu recinto a freguezia da Sé e a de S. Pedro que tem os parochianos extra-muros; dão-lhe actualmente dois mil e quinhentos habitantes pouco mais ou menos. Tem casa de misericordia com hospital para os enfermos pobres e com igreja para as suas funcções. N'um monte da altura e grandeza da eminencia do castello, da outra parte do rio, entre Sul e Nascente, fica o templo de N. S.^a da Encarnação, de regular architectura, que pertence ao povo, a cuja custa foi levantado, e alli vão os devotos de romaria á imagem que no mesmo se venera. O convento de S. Francisco, de menores observantes, era o mais antigo desta ordem em Portugal, e tinha sido fundado pelos annos de 1384 por elrei D. João 1.^o em satisfação de casar com a rainha D. Filippa sem dispensa, sendo professo na ordem militar d'Aviz. O convento de Santo Antonio, de capuchos arrabidos, foi fundação de Pedro Vieira da Silva, ministro de muitas letras e virtudes, que foi secretario d'estado dos senhores reis, D. João 4.^o, D. Affonso 6.^o, e D. Pedro 2.^o em quanto regente, e plenipotenciario da paz ajustada com Castella em 1668, e depois de ter casado com D. Luiza de Noronha, enviuvando, se fez clerigo, e veio a ser bispo desta cidade de Leiria, onde fundou o seminario, contando-se o decimo na serie dos prelados da mesma. O convento de Santa Anna, de religiosas dominicas, foi erecto por D. Catharina de Castro, filha de D. Fernando, segundo duque de Bragança, a qual deixou ás freiras toda a sua fazenda; e o papa Alexandre 6.^o approvou a fundação por bulla expedida em 1494. Havia tambem um convento d'eremitas de Santo Agostinho.

Entre a cidade e o rio ha um ameno campo ou rocío, e á beira d'agua se plantou um passeio d'arvoredo para recreio dos habitantes. No mesmo ro-

cio está continuamente manando a fonte chamada quente, provavelmente por sahirem tepidas as suas aguas: alem desta ha outra denominada a fonte grande, com duas bicas. A fonte do Freyre fica junto ao monte de Santo Estevão; e a que os antigos escriptores chamam *os olhos de Pedro* brota ao pé do monte de S. Miguel, com a particularidade de serem duas nascentes, que sahem ambas da mesma penha, deitando uma agua quente e outra agua fria, e em muita abundancia. O rio tem tres pontes; uma de cantaria, defronte da fonte grande, outra de madeira ao principio do passeio, terceira, tambem de páu, no fim do mesmo. Alem destas, na valla do rocio ha uma de cantaria, que chamam de S. Martinho, e outra, igualmente de pedra, que atravessa para a Sé.

Leiria dista de Coimbra doze leguas, e de Lisboa, para o norte, vinte e duas: foi na antiga divisão do reino cabeça de comarca, e hoje o é de um districto administrativo e d'um circulo eleitoral. Teve assento nas côrtes dos tres estados; e nella as celebraram, segundo diz Carvalho, D. Affonso 3.^o em 1254, D. Fernando em 1376, D. Duarte em 1437. Por doação regia de 4 de Julho de 1300 foi sua donataria a rainha S. Isabel; e depois o foi a mulher d'elrei D. Fernando, que a teve por breve tempo, sendo dada ao conde D. Gonçalo, irmão della; mas D. João 1.^o revogando a doação, a incorporou na côroa, para mais não ser desannexada. Foram seus alcaides-môres os marquezes de Villa-Real, que alem dos aposentos do castello, que habitaram por algum tempo, tinham boas casas junto ao rio, onde pousavam, vindo á cidade. Em Leiria se criou o primeiro duque de Bragança, D. Affonso; e della era natural o cardeal patriarcha fallecido, D. Fr. Patricio da Silva.

A Leiria, com alguma probabilidade, cabe a gloria de ter possuido a primeira typographia que houve nas Hespanhas; vejã-se os fundamentos desta opinião a pag. 163 do primeiro vol. deste jornal.

TRES DIAS DO REINADO DE CARLOS MAGNO.

1.^o

Eresburgo. — Anno de 772.

GRANDES festas se faziam na cidade de Eresburgo, principal asylo dos saxonios: hostes guerreiras deste povo indomito, aproveitando-se da má intelligencia dos reis francos, ainda moços, Carlos e Carlomano; impacientes por tirar vingança dos revezes experimentados contra as armas de Pepino; depois que metteram á espada os raros compatriotas seus que tinham abraçado o christianismo, cahiram de improviso sobre as terras dos francos, e saqueando, fazendo horrivel matança, captivaram bom numero de pessoas, que trouxeram para offerecer em holocausto aos idolos Odino e Treyo, numes sanguinosos a quem só victimas humanas apraziam.

Juntos os sacerdotes do culto iniquo aos capitães e magistrados se congregavam á roda da temivel columna de Irmensul, que os antigos germanos levantaram á memoria de Hermann, o vencedor de Varus: cousa por certo singular no culto dos saxonios, que estes povos, originarios da peninsula escandinava, e por consequencia estranhos de facto ás tradições da Germania, fossem sacrificar aos manes de Hermann prisioneiros tomados á nação dos francos, isto é, descendentes directos daquelle guerreiro divinizado! A chusma dos homens livres vagava com festejos e alaridos pela selva religiosa, e os escravos, sobre quem recahiam, como occupação vil, os tra-

balhos campestres, acceleravam-se a correr aos bandos para a horrivel solemnidade. No meio do templo, [porque o templo era um grande espaço do bosque e descoberto] entre a columna e os altares de Walballah, avultava uma figura monstruosa feita de vimes e salgueiros, atulhada com os miseraveis prisioneiros, arremeçados para alli aos montes como quem arroja pedras para entupir um fosso. Daquelle espantoso carcere, que breve se havia converter em violenta fogueira, sahiam lamentosos e confusos gemidos e clamores, que se misturavam com as lugubres cantorias dos sacerdotes, as imprecações dos guerreiros e as risadas das turbas.

Concluidos os ritos preliminares, os ministros dos idolos, tomando archotes que accenderam nas aras, dadas algumas voltas ao redor da estatua de vimes, lançaram fogo a um tempo ao combustivel apinhado na base. Reluziram as primeiras chammas, e um brado d'alegria e approvação retumbou pelo bosque sagrado; á proporção que as lavaredas ateadas lambiam as paredes do vasto holocausto, avivava-se e crescia o clamor feroz, cubrindo os gritos dos desesperados e miseros captivos. Que horrivel espectáculo a olhos desacostumados!.. Felizes daquelles que esmagados pelo peso dos companheiros, e meio-sufocados cahiam primeiro no ardente brazido; infelicissimos os que na superior camada bebiam a morte tormentosa a sôrvos compassados! Viam-se lutas, que arripiavam as carnes; o tecido de frageis ramos estourava por muitas partes, e uns disputavam alguns minutos de existencia, outros anticipavam a morte arrojando-se á devoradora fogueira!

A final amorteceram-se as chammas, extincto era havia horas o echo dos lamentos das victimas e das vociferações dos espectadores; do impio e horrendo sacrificio só restavam cinzas; grave silencio reinava, quando ao longe subitamente se ouviu um rumor, que de minuto para minuto engrossava. Inquietos applicavam os guerreiros o ouvido; mas não tardou que vissem alguns saxonios correndo esbaforidos, cubertos de pó e sangue. Referiram estes que um exercito innumeravel de francos avançava, veloz como o relampago, fulminante como o raio, que vadeava os rios, arrombava paliçadas, arrasava povoações, e que as expedições mais temerosas do rei Pepino eram o cachão d'um ribeiro, ou uma nuvem de gafanhotos, em comparação destas novas tropas invasoras.

Stupefacta ouviu a gente d'Eresburgo a relação de taes noticias; e, porque mais crescesse o espanto, o simulacro cinéreo da estatua de vimes, consumida pela base, desabou de repente, alagando alguns sacerdotes e apagando o fogo das aras de Odino: accidente foi este que ninguem curára de remediar, attentos como todos estavam á fatal novidade: tanto bastou para que o reputassem de sinistro agouro. Todavia os cabeças indignados do terror plebeu, alcançaram reanimar os espiritos dos seus soldados. De toda a parte acudiram ás armas e as avenidas de Eresburgo foram fechadas todas; encostaram ás trincheiras grossos madeiros caldeados com barro e greda: arcos e frechas, massas, lanças e achas d'armas e as machinas bellicas, tudo sahiu das reservas e depositos de casa dos caudilhos e dos combatentes. Á testa dos mais zelosos defensores apparecia o mancebo Witikind, que estava fadado para por trinta e tres annos sustentar a guerra d'exterminio, que fez Carlos Magno aos barbaros compatriotas deste heroe. Toda aquella noite se passou de vigia, e ao alvorecer chegaram os exploradores annunciando a aproximação dos francos.

Deixemos agora que um bem antigo chronista nos conte os terrores desse dia.

«— Começou-se então a descobrir para a banda do poente um negrume, como de nuvem tenebrosa, levantada pelo vento de noroeste, que transformou o dia brilhante em sombras lugubres: porque ao acercar-se d'Eresburgo o rei Carlos, com o fulgor das armas raiou para os habitantes um dia mais sinistro que a peor noite. E appareceu Carlos, o homem de ferro; trazia a cabeça cuberta com o elmo, as mãos guarnecidas de manoplas, o peito e hombros forrados com a couraça, tudo de fino aço; sopeava na esquerda a lança e apertava com a direita os punhos da lamina invencivel; as pernas, que os mais guerreiros usavam vestir de couro, para mais facilmente cavalgarem, trazia-as elle recamadas de ferro; botas e escudo de ferro tambem eram.

«Todos os que precediam o monarcha, os que marchavam a seu lado, os que o seguiam, todo o grosso do exercito, vestiam armaduras similhantes, conforme em suas posses cabia; acubertava-se com o duro metal um povo de coração ainda mais duro.

«De ferro se inundavam os campos e estradas; em aguçadas pontas de ferro se reflectiam os raios do astro da luz: e esta vista espalhou o terror no recinto da cidade, abalou a audacia dos moços, paralisou a prudencia dos velhos; e todos os cidadãos clamaram confusamente: — «Tanto ferro! ah que copia de ferro! —»

Por mais prompta e irresistivel que houvesse sido a marcha de Carlos Magno, era a defensão dos saxonios desesperada e temerosa; combatiam elles por seus idolos e lares, nas costas lhes ficavam suas mulheres, filhos e anciãos; nem esperavam quartel se fossem os francos os vencedores. Mas como podiam resistir barbaros meio-nús, mal defendidos com capacetes de couro e rodellas de vimes guarnecidas de pelle de bufalo, pelejando sem ordem, contra as hostes veteranas de Pepino remogadas com a vigosa gloria de Carlos Magno, contra guerreiros armados de ferro, contra os troços compactos da cavallaria?..

Era litteralmente um combate de gigantes com semi-nunes á frente: porque o rei Carlos e Witikind eram mais que homens, mais que gigantes. — Depois da batalha da planicie, travaram-se os conflictos individuaes e braço a braço nas paliçadas entre os cercadores e os cercados, porque os saxonios impellidos para dentro de Eresburgo, expulsos de trincheira para trincheira, e acantoados a final no templo de Theutes, Hermann e Odino, disputaram valorosamente cada um palmo de terreno, cada uma de suas chogas: até que cercados e rotos por toda a parte, com a esperanza de ao menos salvarem a prole e as mulheres, se renderam, excepto Witikind que recuando da cidade para fóra, como o bufalo ferido, mas sempre temivel, foi arvorar o pendão da resistencia e defeza em meio d'outras tribus mais distantes.

Talvez que o mancebo Carlos, que com este rasgo igualava a sua fama á de seu pai, estivesse inclinado a perdoar aos vencidos; mas os fumegantes despojos do deshumano holocausto da vespera lhe atearam a colera amortecida no triumpho; e depois do baptismo d'agua, a que os pagãos se resignaram, impoz-lhes o baptismo de sangue.

Carlos mandou tributar as extremas honras e pios suffragios ás cinzas e ás almas dos seus subditos, victimas de Odino; e pôz-se logo com as tropas a caminho para esmagar a cauda da hydra que ainda bolia.

Então um phenomeno, que todos alcunharam milagre, poz o complemento á fortuna de Carlos, nada menos favorecido a este respeito que o grande Clovis. «Naquelle verão [diz a chronica] houve tão

ardentes calôres que todos os rios e fontes secaram; e aconteceu não se achar agua para beber. Receava-se que o exercito, fatigado com a sêde, não podesse continuar na empreza; mas á terceira jornada, pela volta do meio-dia, quando todos descansavam, um volume enorme d'aguas encheu repentinamente o leito d'uma torrente, na falda do monte, para onde o acampamento tinha as costas, e assim teve a tropa com que matar a sêde. —»

E o monarcha dos francos, vencedor dos deuses da Saxonia como de seus guerreiros, adiantou-se até o Weser sem obstaculo, e a sua mão poderosa impoz a todas as tribus da Germania um jugo, que por vezes intentaram sacudir, mas que só poderam quebrar depois da morte deste grande rei.

2.º — As tres rainhas. — Anno de 773.

Decorrido pouco tempo depois da expedição a Eresburgo, Carlos Magno ajuntou os principaes senhores da Austrasia na sua residencia de Heristal, berço da sua familia, enriquecida pelas victorias do pai e do filho. Nos arredores andava tudo inquieto com os preparos d'uma caçada aos touros bravios: amotinavam o pateo da real habitação, confusamente misturados, os gritos dos homens, os sons dos clarins, os rinchos dos cavallos e os latidos dos cães: os servos appresentavam com abundancia aos novos hospedes carnes salgadas e curadas, outras assadas, e enchiam e faziam girar de contínuo as taças de vinho e d'hydromel. Formoso estava o tempo, o vento era fresco, a selva proxima e farta de muita caçada; tudo promettia feliz e completo divertimento: brilhava em todos os rostos a alegria, e retumbavam por toda a parte as cantorias confundidas com as risadas. Carlos Magno, tão fervoroso caçador, como indomavel guerreiro, incitava os convidados com o gesto e a palavra; porem, sempre sobrio em meio das mais excessivas orgias, em tudo superior aos homens do seu tempo, comia e bebia moderadamente para, durante a caçada, poder conservar a agilidade do corpo e a certeza da vista e pontaria.

A par de tão ruidosa e festiva scena, passava-se outra de mui diverso genero na parte mais remota do castello, n'uma camara, que recebia escaça luz d'uma janella estreita que dava para o pateo agora tumultuoso. Uma mulher ainda moça, de feições agradaveis e delicadas, mas desfalecida e descorada, divisando-se-lhe no olhar o ardor da febre, fazia diligencia por se erguer da cama, e com voz debil e fundamente triste dizia a uma rapariga, ao pé della ajoelhada: — Ajuda-me, Clotilde, quero levantar-me: toma os meus vestidos e joias melhores, e vem adereçar-me. — Erguer-vos; enfeitar-vos, minha excellente senhora! Para que, se estais tão fraca e adoentada? . . . — Quero levantar-me para acompanhar o rei, meu esposo, á caçada; quero que me veja e ser delle amada. — Ouvindo tal resposta a rapariga poz os olhos na rainha, como quem se espantava e condoía, e desatou a chorar. — Socega-te, Clotilde; e avia-te que t'ó peço eu. Estou rija, e quando me vir ao pé de Carlos ficarei saã de todo. Porque me vê sempre enferma e de cama me despreza e esquece; [continuou Hermangarda cada vez mais abatida ao passo que a creada a ia tocando] se elle me achasse cavalgando a seu lado, rubicunda e risonha, como nos primeiros dias da nossa alliança, me restituiria o logar no seu coração que disse estou certa. E na verdade é triste para um rei tão poderoso ver todos os seus barões com esposas bellas e robustas e não poder mostrar-lhe uma condigna companheira, mais linda, mais esbelta. Não poupes, Clo-

tilde, as joias e enfeites, que eu quero parecer bella e offuscar as graças e dotes das outras mulheres: ainda que eu expire logo, quero tornar a ser amada de meu marido e appresentar-me como princeza. — ”

Mas o facticio enthusiasmo da rainha dos francos ligeiramente se desvanecia. — Meu Deus! porque me abandona Carlos? [prosequia Hermangarda, que sentia faltarem-lhe as forças] muito desfigurada devo estar! Sé sincera, Clotilde, mereço eu a negligencia de meu esposo? —

— Se alguma cousa mudou, minha presada senhora, foi o coração do rei, porque vos acho tão bella como sempre, e ainda mais interessante e digna de ser amada. Mas não, o rei não vos perdeu o amor: são guerras, umas atraz d'outras, que o affastam de vós, e quando não são os combates é a caça. Não sei como os homens e os reis gostam de derramar tanto sangue? e a paz, a serena paz, nunca a teremos?... — Na côrte delrei meu pai [disse Hermangarda pensativa] todos os principes lombardos me faziam côrte, elogiavam a minha formosura, e disputavam por alcançar a posse da minha mão: comtudo a gloria do illustre Carlos fascinou a minha imaginação, captivou-me a alma, .. ah que não foi só o lustre e gloria das armas, mas tambem a sua mocidade e gentileza, o seu olhar entre brando e altivo, aquella fronte magestosa, aquella nobre e alta estatura! .. Desprezei todos os principes meus iguaes; esqueci-me de que elle era casado com outra mulher e de que o divorcio é reprovado perante Deus e o mundo. Não me castigueis por isso, Carlos; abandonai-me embora por toda a vida neste canto obscuro do palacio; mas não me repudieis; preferivel será a morte a tamanho opprobrio! —

— Porque vos engolfais, senhora, em tão funestos pensamentos? — replicou Clotilde mudando de côr — Sua Magestade não vos dará rival, nem tal lhe vem á idéa. Ainda todo embebido no triumpho que alcançou dos saxonios, só cura de o festejar com seus barões; em horas de remanso sem duvida virá procurar-vos. —

— Quanta consolação me causas, fiel serva! Dizes bem: caber-me-ha uma hora do precioso tempo do monarcha, que ainda não é chegada. Não serei insoffrida: nem as minhas palavras, nem a minha melancholia escandalisarão Carlos. Verás logo como me reprimo para lhe apparecer prazenteira. E agora que acabaste o toucado, desce a mandar sellar a minha hacanéa (*). —

— Santo nome de Deus! Como cuidais em tal, mal podendo ter-vos de pé? Sem duvida quereis que mande apromptar a liteira... —

— Não, já disse, quero a hacanéa aparelhada. Havia ir á caçada em liteira?... Quero andar ao pé do rei quanto ser possa; a sua vista me dará forças: e já que tanto por mim receias, levar-te-hei de garupa; se eu desfalecer, me susteras. —

Dahi a minutos a rainha e a sua serva montaram n'uma egua, de boa estampa, ensinada e mansa. Hermangarda, reanimada pela frescura do ar e esplendor da scena que tinha presente, recobrou momentanea energia, e as faces, ha pouco descoradas, se lhe matizaram com a alvura das açucenas e o vermelho do rubim: apressada por ver Carlos Magno, e inquieta a respeito do acolhimento que receberia apenas dava resposta aos tibios cumprimentos dos barões e senhores que por cima do hombro lhos dirigiam, e nem sequer reparava na mudança de modos e na indifferença, que lhe mostravam os nobres vassallos do rei.

Sabia Carlos Magno ao chegar ella á porta principal: vendo sua esposa o monarcha carregou o sobrolho, mas lançando-lhe segunda vista furtiva, amaciou um pouco, porque reconheceu um vislumbre da anterior formosura de Hermangarda, agora realçada com o esplendor do trajo e das joias; e nesta subita commoção se encaminhou para ella e lhe fallou, ameigando a voz: — Já vos deixaram as febres impertinentes, querida Hermangarda?... Estais disposta ao que parece a seguir-me á caçada?... — Sim, meu senhor e esposo, se isso vos aprouver. Respondeu a rainha occultando a interior alegria.

— Apraz-nos não vos ver enferma, e approvamos muito que trocasseis pela cama os campos e bosques: o ar puro e uma corrida acavallo beneficiarão mais a vossa saude e formosura que todas as receitas dos nossos doutores. Vamos, senhores, [acrescentou para os cortezãos] felicitei a rainha pelo seu restabelecimento, e aprestai-vos para não errar a caça que é cousa vergonhosa em dias de regosijo. —

E os barões admirados de que Hermangarda reembrasse o real agrado, lhe fizeram logo côrte com mil respeitos e attentões, como no tempo em que ella dominava no coração de Carlos.

Feliz se julgava a rainha, e no auge de sua satisfação retribuía com sorrisos graciosos e affaveis aquellas palavras e interesseiras homenagens. A este tempo houve sussurro e movimento no vestibulo do Paço: abria a creadagem caminho ao principe suevo, Vindemaro, que entrava acompanhado d'alguns fieis subditos, e de sua filha, Hildegarda. Apressou-se Carlos a receber o hospede, a quem fez distincto acolhimento, tratando sobretudo com desvelado agasalho a joven Hildegarda: linda era ella, mas a ninguém agradava tanto como a Carlos Magno: porque tão loura e debil era a rainha Hermangarda quanto viva a donzella estrangeira, adornada com suas tranças de cabello mais preto que o ébano; uma tinha olhos azues e maviosos, os pretos olhos da outra brilhavam com vivacidade e graça; côres sadias e bem acertadas esmaltavam as faces da princeza sueva, um tanto amorenadas pelo sôpro do suão; e a côr habitual da filha do rei lombardo era uma alvura desbotada em todo o rosto; melancolica e devota, esta dava-se a rezas dilatadas, comprazia-se com os sons do canto religioso sob as abobadas do templo, e com o longo meditar, encostada a uma janella contemplando o giro da lua no espaço por entre as nevoas; alta, robusta, impetuosa, aquella agitava-se apenas ouvia os sons agudos dos clarins ou os echos roucos da buzina, e pulava d'alegria montada n'um corcel ligeiro e fogoso. Por isso não podia Carlos desviar da formosa peregrina os olhos, que tanto se conformava ella com o seu character activo e emprehendedor. Já ficava no esquecimento a misera Hermangarda, e a pouco e pouco se desfazia o círculo dos seus cortezãos que iam engrossar a comitiva da estrangeira.

Deu a final o rei o signal de partir, e o tropel rebentou, como uma torrente, da cerca do palacio de Heristal, espalhando-se pela planicie, redobrando-se a algazarra e vozeria dos monteiros. A principio Carlos, ou por certo respeito ou por formalidade, guiava o seu cavallo a par da hacanéa da rainha, mas apenas no emmaranhado da selva tomou calor a perseguição á caça, desamparou Hermangarda, deixando-a com alguns barões, que não tardaram em ir apoz elle, e correu precipitadamente pelos rastos do cavallo da formosa amazona, que, ligeira como o vento, deixára a perder de vista os mais ardidos caçadores.

Só Clotilde ficou de companhia á desprezada rai-

(*) Cavalgadura, média entre a faca e o cavallo de marca.

nha, que prostrada de fôrças e quebrantada d'espírito disse para a fiel criada: — Bem me pèza agora de não attender a teus ditos... não é aqui o meu logar. — A serva abaixou os olhos, sem dar palavra, mas dahi a pouco levantando-os viu sua ama tão pallida e desfigurada que involuntariamente deu um brado, e a susteve como para evitar-lhe alguma quèda. — Não é este o meu logar [repetiu a rainha]... Clotilde, leva-me á minha cama; conheço que morro. — Com effeito Hermangarda desmaiou nos braços da criada, que cheia de temor e receios clamou por auxilio com toda a sua fôrça, mas as suas vozes perderam-se na densidade da floresta, e por mais que applicasse a vista ninguem acudia que prestasse auxilios. Parára sem a obrigarem a docil e mansa bacanéa: Clotilde se apeou, transportando sua ama, ainda sem sentidos, para um macio leito de relva. Hermangarda tornou a si do deliquio, e vendo o sitio em que estava e a sua constante companhia, lhe disse melancolicamente: — Presumi muito das minhas atenuadas fôrças; temo que não possa deitar a Heristal e me veja obrigada a esperar aqui pelo regresso de Carlos... Se [continuou, abrindo os olhos espantados] algum touro bravo, perseguido e furioso, não vier por este lado... depressa, minha filha, vamo-nos, o medo me assalta, e tremo... —

Estas palavras da timida Hermangarda amedrontaram a rapariga, que todavia fingindo-se forte por amor de sua ama, a aconselhou a que fizesse diligencia para montar de novo a cavalgada, retirando-se ambas para o interior do bosque a procurar algum matto espesso por detraz d'árvores corpulentas, onde estivessem mais abrigadas e defendidas que naquella clareira. Aceitou a rainha, e a cavallo se foram em demanda d'asylo. Tendo andado por algum tempo sem achar sitio que lhes agradasse, pararam defronte d'uma aberta na floresta, pela qual se descobria a planicie circumvisinha, e logo distinguiram ao longe um casal, onde podiam encontrar soccorro, porque lá havia gente, e o signal era a columna de fumo que do telhado se elevava ao ar.

(Concluir-se-ha).

DA ARTE DE COSINHAR EM VARIAS NAÇÕES.

Não são por certo bagatellas, e cousas indifferentes, as artes que contribuem para o bem-estar e honesto e moderado regalo do homem nesta vida. Embora durma sobre uma tarimba, ou sobre o chão, o anachoreta, que o faz por penitencia, o mendigo, que nos causa dó, e o indio habitante das brenhas, que se deita assim por costume e ignorancia de outras commodidades: porventura por estes assim obrarem, por vontade, precisão, ou habito, ficará desprezada e destituida de merecimento uma cama á europea, agasalhada e sôfa, em fria noite d'inverno?... Descanse embora o pedestre caminhante n'um poial, ou marco d'estrada; porque a imperiosa lei da necessidade nesse caso o obrigou, deverá rejeitar a estofada cadeira de braços, quando lh'a appresentem, preferindo a calejadora tábua?... Poderíamos fazer mais perguntas, adduzindo mais exemplos, para com elles e as respostas argumentar-mos por analogia: mas seria ociosa tarefa, e por isso, ainda que injustamente nos censurem d'epicureos, entraremos na materia principal.

Não é tão sensível um mal grande, que dura pouco, como o pequeno mal, que prosegue atormentando de continuo: no tirar um dente ha dor grande, mas tira-se para evitar muitas dores; e como isso

não acontece todos os dias devemos considerar maior incommodo o barbear-nos quotidianamente com uma pessima navalha, que a cada cabellino que corta faz rebentar uma lagrima; porque enfim é um mal repetido. Outro tanto podemos dizer a respeito do alimento: passar qualquer um ou dois dias sem comer, estando são, é grande infelicidade; mas ainda seria peor não ter por um anno a fio senão a vianda cosida em agua, sem sal e sem outros condimentos. Sendo pois o comer cousa diaria, é de summa importancia fazer agradável o alimento; do contrario de pouco serviria o sentido do gosto ou paladar.

Perguntaram alguns philosophos cynicos, porque rasão cosinha o homem? Porque transforma as substancias, que a natureza lhe offerece para comida? — A resposta que alguns deram é que os homens tem um desejo innato de alterar tudo que lhe vem ás mãos para passar destas á boca: — mas a isto não chamamos responder, e se é resposta não nos satisfaz. Os brutos é certo que não guizam, mas é porque não tem senão uma só casta de alimento: uns são carnivoros, outros vivem só de grãos e hervas, muitos não mastigam, outros tem uma digestão particular, como os ruminantes: mas o homem nutre-se de tudo quanto se pode comer, quer se crie na terra quer na agua, e necessita adaptar o alimento ao grau e natureza de sua digestão, e por isso em todos os tempos e paizes procurou a geração humana prepara-lo e faze-lo saboroso; e porque geralmente o que mais agrada ao paladar digere-se melhor.

Persuadimo-nos de que os nossos leitores não esperarão que lhes ensinemos a cosinhar: o nosso intento neste artigo é mostrar a necessidade e utilidade dos condimentos e a practica de algumas nações antigas e modernas, para que ajuizem da variedade de costumes e gostos neste particular.

Quem tem viajado muito e prestado attenção ao serviço das mezas, não em casas de pasto, mas nas dos particulares, acha que se desperdiça muita comida por excesso de adubos, e ainda mais por ignorancia das cosinheiras. Daqui podemos inferir que muito se pouparia, e muitas enfermidades se evitariam, fazendo-se ao mesmo tempo os manjares gratos ao paladar e adequados ao estomago e se conhecendo cada nação os defeitos dos seus modos de cosinhar adoptasse outros melhores; isto é, se compilasse uma arte de cosinha, fundada em base rasoavel, e accommodada judiciosamente ás respectivas producções de cada paiz. O que lograsse levar a effeito esta obra mereceria que lhe gravassem o nome em lapidas collocadas em todos os mercados.

Muitos livros com o titulo de—Arte de Cosinha—se imprimem e reimprimem em quasi todas as nações; mas todos constam de receitas para pratos nimiamente appetitosos, e muitos delles extravagantes, e carregados de adubos variados com prejudicial profusão; porque de serem uteis e necessarios os temperos não se segue que falhe neste ponto a regra de que os extremos são viciosos. Duas classes de cosinheiros devia haver; uma para os gastronomos, golotões, e para as cosinhas dos grandes; outra para a classe media e popular: e se fosse possível haver um instituto, em que aprendessem as criadas, que se destinam a cosinhar, não só a preparar os guizados para um dia de festa, mas tambem a economia da comida trivial, grande seria a vantagem para as familias, que por suas occupações ou falta de practica confiam inteiramente materia tão importante ao cuidado, zelo e sciencia das cosinheiras, as quaes nem sempre reúnem estas tres qualidades, que, juntas ao acção e fidelidade são as essenciaes da sua profissão. Mas já que não pode estabelecer-se collegio para es-

te fim, bom será tomar criada que servisse ou aprendesse em casa de bom passadio, mas poupada. Um dos objectos dignos de muita attenção é o aproveitamento e preparo das plantas comestiveis, de sorte que sejam saborosas e saudaveis. A ignorancia que, geralmente fallando, ha em Inglaterra das produções hortenses, são causa, ainda mais que a influencia do clima, de que nos seus mercados não appareçam outros vegetaes (excepto poucos, desgostosos e por grandissimo preço) senão batatas, cenouras, e especies ordinarias de couves, e n'uma só estação: quando na maioria das povoações da península hespanhola e portugueza ha successivamente immensa copia e variedade de legumes, fructas e verduras.

Assim como se divide a architectura em util e de ornato, achâmos que se devia dividir a arte de cosinhar em util e de luxo: deixando porem esta distincção, que apesar de justa a muitos não agrada, passemos a examinar a cosinha dos antigos.

Dos guisados dos egypcios em tempo dos seus Pharaós nada sabemos, porque os não mencionam as inscripções, nem a habilidade de Champollion os pôde descobrir nos geroglyphicos. Dos hebreus podemos citar o banquete que na despedida appresentou Eliseu aos seus amigos; matou uma junta de bois e coseu-os com a lenha dos arados, portanto não foram as iguarias nem a maneira de as preparar muito delicadas. Homero descreve elegantemente o banquete dado aos amantes de Penelope, porem a doçura dos harmoniosos hexametros do poeta grego não alcança que os modernos julguem agradavel o modo porque então se adubava e comia um porco. Os generaes da guerra troiana nem usavam ceremonias, nem escrupulos; e assim vemos Ulisses cosinhar por suas mãos, como o faria um selvagem das tribus barbaras da America central. Se olhar-mos para a Grecia, antes que a voluptuosa Athenas se esmerasse nos manjares, veremos o Lacedemonio com o detestavel *saborante* de unto de porco desfeito com vinagre, que lhe ajudava a comer taçalhos de carne mal assada. Na Grecia, no tempo do fausto, mais se attendia ao custo das iguarias que á delicadeza do paladar; era bom o que importava em grossas quantias, e que nem todos podiam obter. Façamos aqui um *à parte*: e quantas vezes os nossos opulentos não comem manjares custosos, a que só a raridade dá preço, e a moda estimação, mas de que o paladar arrenega, não obstante andarem em voga, e ser rusticidade e má criação menosprezar o prato, que todos elogiam, só porque o dono da casa e outros o tem já elogiado! Quantas vezes se antepoem aos nossos excellentes vinhos, brilhantes, puros, generosos e sadios, e que no mundo não teem rival, uma mixofurada, chamada Champagne, que por França nunca passou! Tudo é moda.. paciencia! É para não ter-mos que ralhar dos antigos que pagavam por muitos talentos e sestercios um prato de linguas de papagaios!

Os romanos, desde o tempo da republica deram tanta attenção á sua cosinha, como á sua lavoura. O austero Catão no seu tratado da Agricultura não só dá o meio de cultivar as plantas, mas varias receitas para fazer dos vegetaes manjares gostosos. Houve tempo em que os legumes foram tão estimados que a sua introdução no paiz, ou feliz cultura, lhes grangearam os nomes dos primeiros cultores; as lentilhas tomaram o nome de *Lentulo*, as favas de *Fabio*, e os chicharos de *Cicero*.

Com as conquistas na Asia cresceu o luxo nos banquetes, introduzindo-se não só a delicadeza e abundancia, mas uma tão extrema magnificencia que foi necessario fazer leis, entre as sumptuarias, para obstar aos excessos. Lucullo levou ao ultimo apuro o

epicurismo, por forma que o seu nome ficou servindo de antonomasia aos fastosos comilões. As dema-sias na meza eram taes que, por exemplo, uma cea na sala de Apollo custava communmente cincoenta mil drachmas, equivalentes a 3:749:600 rs. da nossa moeda, e não havia ser grande o numero dos convidados. Marco Aufridio Lurco inventou o modo de cevar pavões reaes, ave de muita estimação nas mezas romanas, e ganhou com este alvitre quantias de dinheiro avultadissimas. Tal era a opulencia e prodigalidade daquelles tempos, derivada dos saques que os romanos deram ao mundo então conhecido, que houve quem (sendo actor de theatro) preparasse um prato do custo de um conto e quinhentos mil réis, o qual se compunha de passarinhos cantores, como rouxinões &c., tendo custado cada cabeça 89:600 rs. N'outra occasião o molho servido á mesa era de perolas desfeitas em vinagre, como narram os historiadores que fizera Cleopatra. No reinado de Tiberio havia *academias* para ensinar a arte da cosinha e para incitativo dos golotões. O imperador Vitellio deu um banquete a seu irmão, em que se contaram dois mil peixes e sete mil aves, tudo de castas raras, e com a particularidade que um prato se compunha de fígados dos peixes mais delicados, outro dos miolos de passaros difficeis de alcançar; e assim todas as mais iguarias. O objecto principal da arte de cosinhar nas casas dos ricos era ostentar dispendios com as raridades, e agradar mais aos paladares, avesados áquelle genero de comidas, do que manter o corpo humano com alimentos sufficientes, preparados conforme a força digestiva. Se alguém duvidar disto leia os antigos escriptores que não se esqueceram das proezas dos seus patricios nas pelejas, nem da voracidade com que devastavam as mais copiosas e exquisitas mezas: ainda ha um escriptor de cosinha, Apicio, cujos livros chegaram ao nosso tempo, e que não deixa mentir.

Vindo porem a tempos mais modernos acharemos os italianos na posse desta arte, particularmente no seculo 16.^o Os cardeaes, principes, pintores e outros artistas insignes, se deleitavam muito com sumptuosos banquetes; e em 1570 publicou uma obra famosa sobre a arte Bartholomeu Scappi, cosinheiro do papa, Pio 5.^o Quando as princezas da casa de Médicis vieram a ser rainhas de França, introduziram na côrte os cosinheiros italianos; e transplantada a arte em Paris, dalli se propagou para as principaes nações. Parece que o azeite era o tempero principal no tempo dos romanos e dos seus immediatos imitadores, e que os francezes, aperfeiçoando o invento, deram em sazonar as carnes com o caldo apurado ou substancia das mesmas, postoque anteriormente já se usasse de toucinho e manteiga nos guisados. Segundo as contas da mordomia-mór, a côrte de Luiz 14.^o comia moderadamente, não tendo de ordinario mais do que oito pratos differentes, mas para temperar estes se consumia enorme quantidade de carne para lhe extrahir o caldo de substancia. Notaremos que os francezes eram obrigados a este methodo pela escacez d'azeite, colhendo pouco, e só no sul da França, ao passo que nas provincias tinham pouca manteiga: mas abundando as azeitonas nas Hespanhas e Italia, continuo nestes paizes o uso do azeite nas cosinhas das classes pobre e mediana, e não é de todo desconhecido nas mezas dos ricos, nem o devia ser, porque iguarias ha que sem azeite não prestam. Os inglezes de tempo immemorial tem aversão insuperavel ao oleo da oliveira, que no seu territorio senão dá, ao mesmo tempo que tem copia de manteiga pela abundancia de gados; o azeite que importam é quasi todo empregado em preparar pannos e ou-

tros usos semelhantes, e apenas tem entrada nas casas abastadas, uma vez por outra, para temperar algumas saladas, que não come a generalidade do povo. Estes insulares reduziram a sua dieta, que nem por isso reprehendemos absolutamente, a pratos de manjares simples, fortes e substanciaes; e a excellencia das carnes de vaca e carneiro, que possuem, recommenda os seus assados, ainda que ao paladar do homem continental não agradam por falta de condimentos, principalmente o carneiro, que apesar de ser da melhor qualidade, não o podemos comer pelo assarem com muito sebo e não ser previamente marinado. A predilecção que elles tem pelo assado e a impossibilidade de assar um pedaço pequeno a fogo mui forte, os obriga a comprar peças grandes de carne, que nas osterias são enormes: a consequencia é que o interior fica crú e tem que comer carne fiambre tres ou quatro dias depois: tão corada fica esta carne fria que parece lhe deram uma demão de almagre, se o pedaço é grande; e se é pequeno parece côr de beterrava. Porem o grande defeito da cosinha ingleza é no geral não adubarem os legumes verdes e as hortaliças á moda da nossa península: couves e nabos, ervilhas e feijões, servem-se na meza cosidos em agua e sal, e os espinafres (moda que por cá em certo modo tem pegado) parecem uma cataplasma emolliente sahida das mãos d'um boticario.

A nossa cosinha, ao contrario, tanto depende da horta como do açogue. A olha, ou *panella de vaca*, como vulgarmente dizemos, é o alimento mais saudavel que pode usar o homem; ao que se aggrega a grande economia em manter uma familia. Nas cosinhas inglezas, de ordinario, só se faz sôpa em dias de convite. Os alemães e norte-americanos usam communmente sôpa nas suas mezas, e tambem preparam os vegetaes com substancia ou caldo de carne; mas os guizados e fricassés são adubados com tanta manteiga e gordura, que requerem um estomago d'indio *celivoro* (comedor de balêa) para recebe-los. A consequencia destes pratos manteiguentos, bem como das carnes sem condimentos, é um eterno queixar de *dyspepsia* em linguagem medica, ou de indigestão em simples portuguez, o que obriga os nortistas a estarem tomando em certa idade continuamente remedios. Em Londres, e ainda em povos menores, o consumo mensal de pirolas digestivas conta-se por toneladas, ao passo que nas nações meridionaes não se contará aos arrateis; e daqui se deduz outra consideravel vantagem da olha caseira na poupança de despesa com a botica.

Emfim, se se investigasse devidamente a arte da cosinha, é provavel que se descobririam muitos factos interessantes á sociedade: por exemplo, achar-se-hia que algumas enfermidades, que em certos paizes prevalecem, tem connexão intima com as comidas e temperos mais usuaes nelles; e demonstrada a causa se evitariam os effeitos. Em algumas partes d'Inglaterra e Alemanha se dão grandes premios a quem mais engorda um boi, porco ou carneiro; e porque se não hãode conceder tambem aos que inventarem o modo mais barato e saudavel de preparar a carne daquelles animaes? — Então os cosinheiros se fariam philosophos, e alguns philosophos não se desdenhariam de empregar-se na cosinha, em cujo mister seriam por certo mais uteis á humanidade.

O PAÇO DOS DUQUES DE BRAGANÇA EM LISBOA.

No FATAL estrago do 1.º de Novembro de 1755, em que a voracidade das chammas e as convulsões da terra, combinadas se apostaram para sepultar

em ruinas esta capital, foi o districto da freguezia de N. S.^a dos Martyres um dos sitios que mais padeceu: a magnifica igreja parochial, o sumptuoso templo de S. Francisco, e os grandiosos paços da Serenissima Casa de Bragança; as vidas e riquezas dos habitantes de uma parochia tão opulenta e tão povoada, que comprehendia quasi sete mil pessoas, tudo ficou devastado pela violencia daquelle espantoso flagello. No palacio dos progenitores da Nossa Augusta Soberana, com a perda do thesouro importante, que alli se guardava, se experimentou outra maior na completa destruição do cartorio da mesma Serenissima Casa, resultando não só grave prejuizo com a extincção de papeis interessantes á historia portugueza, mas tambem enorme lesão para o patrimonio dos principes herdeiros por terem desaparecido titulos e documentos, que se hoje se podessem reproduzir seriam de summa valia. Ainda das ruinas dos paços, immediatas ao theatro de S. Carlos para o lado do poente, se póde avaliar a grandeza do edificio, que se estendia e com muito fundo desde onde chamâmos o largo do picadeiro até a extremidade sobranceira á rua do Ferregial-de-baixo. Até agora tem permanecido, e expostas cada vez mais á acção do tempo, as muralhas restantes do grande palacio, onde em vez d'esplendidos e adornados camarins e salões subsistem miseraveis barraquinhas, dispostas em labyrintho, habitadas pela extrema penuria, e (quantas vezes) pela desenfreada immoralidade! Não poucas queixas nos tem soado aos ouvidos, relativas aos habitos e genero de vida dos moradores daquelle recinto, que no coração d'uma cidade sumptuosamente reedificada, contrista a vista, e suscita temores e suspeitas, porque á hora do dia infunde receios transitar por aquella especie de bairro, posto no meio de Lisboa, e em certo modo distincto de Lisboa. Vemos portanto com satisfação que cedo se fechará esta chaga, que desfejava e corrompia o formoso corpo da cidade nova: erigir-se-hão commodas habitações no logar dos entulhos e das paredes demoronadas. E a serie da casaria formará uma rua, começando do largo do picadeiro até o cabo do palacio velho acima do arco do Isidro, vindo a ficar patente a vista do Têjo no topo dessa mesma rua: para separação do lado do theatro construir-se-ha na precisa extensão uma forte muralha. E conforme os recursos que offerecerem os rendimentos da casa patrimonial dos nossos principes herdeiros, rendas hoje muito atenuadas, irá progredindo a obra util, que vai encetar-se. O Administrador Geral da Serenissima Casa de Bragança, o Sr. J. Mousinho d'Albuquerque, com louvavel zêlo, segundando as ajustadas intenções de S. M. ElRei, dispoz-se a edificar desde já, continuando de futuro na proporção dos meios com que poder contar. Segue-se que a cidade lucra um aformoseamento e um augmento de predios, ao mesmo tempo que a Casa do Augusto Principe herdeiro emprega com proveito o seu capital, convertendo bens que se presumiam mortos em propriedade rendosa.

Creemos que no tempo presente, em que todos propõem e approvam melhoramentos, ninguem sahirá com a capciosa objecção de que se vai tirar o abrigo daquellas barraquinhas a muitas pessoas necessitadas, que não podem pagar rendas mais avultadas. Similhante argumento só o proporá quem não conhecer Lisboa, onde nos bairros apartados e em multidão de pateos, a que chamâmos ilhas, pelas muitas familias pobres que abrigam, se acha abundancia de pequenas casinhas para substituirem aquellas; ao mesmo tempo que ha nestas a vantagem de serem situadas em parte onde não desfeiam a cidade, nem tem as inconveniencias, que deixâmos ponderadas.